

GÊNERO E A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: O CASO ÂNGELA DINIZ

Taynara Reges Cardoso

Universidade Estadual de Goiás – UEG

INTRODUÇÃO

Quem foi Ângela Diniz? E qual a força das discussões de gênero e violência, na década de 1970, contra mulheres sobre o corpo feminino na sociedade brasileira? Para responder estes questionamentos, é primordial refletir sobre as questões de gênero com a luta feminista e a compreensão das pessoas a respeito desse assunto.

O estudo conta com cinco manchetes do jornal *O Globo*¹⁴ acerca do assassinato de Ângela Diniz; o objetivo consta em analisar as manchetes sobre o caso explicitando o sistema binário e caracterizando um poder condicionante nos corpos, principalmente, feminino. No contexto, o recorte percorre as décadas de 1970 e 1980 quando Diniz tomou espaço na mídia brasileira (pela sua fama e assassinato).

Ao pensar o gênero na discussão, o estudo propõe relacioná-lo às questões de poder que estão presentes nas instituições sociais. Toda e qualquer mudança significativa nos comportamentos compromete diretamente no que é dito como homem ou mulher, assim a palavra gênero está relacionada com as representações simbólicas e com todas as doutrinas existentes na sociedade, sendo o controle da própria articulação do poder (Scott, 1995).

A pesquisa trata-se de um estudo que apoia-se nos procedimentos metodológicos da pesquisa documental. Para Apollinário (2009, p. 67) “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova” pode ser objeto da pesquisa documental. Com isso, a pesquisa apresenta cinco manchetes que enfatizaram as notícias sobre o assassinato de Diniz. Exemplos do jornal¹⁵, do período

¹⁴ Na década de 1970 ocorria uma naturalização de mulheres vítimas de violência. Os jornais da época faziam exposições sobre feminicídios de forma mascarada contribuindo para uma moralidade que defendia assassinatos com discursos em prol de suas vontades e costumes, romantizando todo e qualquer ato de violência contra as mulheres.

¹⁵ É possível ter acesso aos exemplares do jornal *O Globo* após uma assinatura Premium. O site conta com

matutino, que circularam nas ruas de Belo Horizonte entre 14/10/1979 até o dia 07/11/1981.

Para organização dos estudos, a pesquisa parte de duas etapas. Sendo a primeira com uma avaliação preliminar dos documentos, selecionando os jornais que eram considerados “destaques” no site e que faziam alguma referência sobre o caso, mais precisamente sobre o assassinato. Na segunda etapa, identificando o contexto no qual o documento foi produzido.

A pesquisa tendo o seu caráter exploratório, foi suficiente para a materialização dos objetivos investigados. Para tanto, o estudo também se apoiou em livros e artigos que contribuissem para a discussão. Apesar de ser um assassinato que se tornou marca nos movimentos feministas, há poucos estudos que tratam sobre as relações entre gênero, violência contra mulheres e casos de feminicídios da época, razão que justifica o movimento interessado pela autora.

O CASO ÂNGELA DINIZ

Às 20h10 do dia 30 de dezembro o soldado da Polícia Militar Adilson Ferreira Peixoto [...] informou que havia ocorrido um crime de morte na Praia dos Ossos. Indo ao local, o APJ Edésio da Costa constatou a veracidade do fato, encontrando o corpo sem vida de Ângela Maria Fernandes Diniz, nascida em Minas Gerais, de cor branca, em 10/11/44, filha de Newton Viana Diniz e de Maria Espírito Santo Diniz, no corredor interno da casa em que residia defronte à porta do banheiro. (Jornal O GLOBO, 14/10/1979, matutino, p. 18, grifo pessoal).

Raul Fernando do Amaral Street, ou melhor, Doca Street era um homem branco, considerado burguês e conservador, mas aos olhos de outras pessoas, como a empregada e alguns amigos de Ângela diziam, era um completo sádico, mentiroso e aproveitador dos bens de Ângela (Jornal O GLOBO, 14/10/1979, matutino, p. 18, grifo pessoal).

Mas quem era Ângela Diniz? Ângela Diniz, era uma mulher conhecida como uma independente, bonita, rica, da socialite mineira, mãe de três filhos que teve com seu primeiro marido, Milton Villas Boas, um engenheiro famoso da época. De acordo com revistas e jornais, continuava cada vez mais bonita e ficou conhecida como a “Pantera de Minas” (Jornal O GLOBO, 31/12/1976, matutino, p. 80, grifo pessoal).

exemplares disponíveis desde 1925 até a atualidade, estão presentes no endereço: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Último acesso: 29/01/2022.

Doca e Ângela começam a namorar. Na época, havia boatos dos inúmeros casos de Ângela com outras mulheres. Doca Street relata seus ciúmes por uma alemã que estava na Praia dos Ossos, em Búzios, onde escolheram passar as férias que ocasionou a morte de Ângela.

[...] logo depois, chegou Gabrielle ou Gisela, não sei, a alemã que pretendia vender jogos de gamão a Ângela. Sentou-se ao seu lado, na toalha, a convite de Ângela.

Daí a instantes, Ângela e eu fomos até a água e ela me disse que gostara muito da alemãzinha e que a havia convidado para ir lá para casa. (Depoimento de Doca Street, Jornal O GLOBO, 14/10/1979, matutino, p. 18).

Doca Street assassinou sua companheira Ângela durante uma discussão, logo após Ângela pedir a separação, foi morta com três tiros no rosto e um na nuca. O crime ocorreu na casa de praia de Ângela na Praia dos Ossos, em Búzios, no dia 30 de dezembro de 1976. Doca Street (42) dez anos mais velho que Ângela Diniz (32), dispara sobre ela com uma arma de sua propriedade. No primeiro julgamento ele foi absolvido em primeira instância, foi beneficiado “com a suspensão condicional da pena conforme o artigo 696 do Código de Processo Penal” (Silva, 2021, p. 60).

Doca afirma ter matado Ângela por amor, logo depois de ela tê-lo agredido, sendo descrita uma violenta discussão do casal no banheiro em que estavam. É importante enfatizar que Doca Street, em seu primeiro julgamento sai da prisão, sai do júri, como um homem famoso. Várias pessoas estavam do lado de fora para vê-lo e foi aplaudido na saída (Jornal O GLOBO, 14/10/1979, matutino, p. 18). Durante o primeiro julgamento de Doca, descreveu o ocorrido.

Cheguei até o carro e voltei para casa. Como Ângela não me pediu para ficar, ajoelhei-me aos seus pés e implorei para me deixar viver com ela. Ela gritou como sempre fazia. Brigamos. Ela atirou um isqueiro no meu rosto. Pode olhar: o isqueiro está até amassado. Pedi, implorei para Ângela não me abandonar. Ela começou a atirar objetos em mim, até esta valise [...]. Nesta maldita maleta estava a bazetta. A maleta se abriu e a arma caiu no chão. Estava louco de amor, meu ciúme por Ângela era doentio. Peguei a arma e passei a atirar [...] fui disparando e quando percebi que havia atingido Ângela [...], fui para o carro decidido a me entregar à Polícia, mas na porta fiquei arrependido. Pensei em meus filhos e segui para São Paulo, onde cheguei às 4 horas de manhã. (Depoimento de Doca Street, Jornal O GLOBO, 14/10/1979/, matutino, p. 18).

Algumas pessoas que foram assistir ao primeiro julgamento, em Cabo Frio, deram sua opinião para o jornal: “Vai ser absolvido: se eu fosse o júri, absolvía. Não por ele ser bonito ou não, eu até acho ele horroroso. Mas é que ele já matou. Ângela morreu. O que adianta condenar agora o homem?” (Depoimento de Rosália, 19 anos, Jornal O GLOBO, 17/10/1979, matutino, p. 14). Outra pessoa opina: “[...] ele já deve estar sofrendo. Não acho que ele a amasse, mas certamente ele sentia uma grande atração por ela. Não era amor manso: era uma paixão de fogo. Gostaria de ter alguém que tivesse por mim esse tipo de paixão arrebatadora.” (Depoimento de Margarete, 37 anos, Jornal O GLOBO, 17/10/1979, matutino, p. 14). Na mesma perspectiva, caminha outra opinião: “Absolvía. Acho besteira esse negócio de ele ter que pagar. Não deveria ter matado Ângela, mas matou e isso é irremediável. E deve estar sofrendo bastante, o que já é suficiente” (Virginia, 20 anos, Jornal O GLOBO, 17/10/1979, matutino, p. 14).

É possível considerar que Doca Street foi visto por muitas mulheres como possuidor de um poder centralizado ocorrendo uma forte mudança na organização social e argumentos quanto ao assassinato. Os símbolos culturais reforçam essa oposição binária fixa e o significado do homem e da mulher na sociedade, enfatizando um poder mecânico. Esse poder colocado em Doca por seguir todas as características heteronormativas reforça um controle social que teve sobre muitas mulheres que assistiam o seu julgamento.

A morte de Ângela Diniz pode ser considerada um marco no Brasil, pois movimentou inúmeras mulheres pelo país e em resposta à frase de Doca Street que dizia ser por amor o assassinato, as feministas criaram a marca, gritando “quem ama não mata!” (Zimmermann, 2009, p. 172). Essa frase teve forte impacto no segundo julgamento de Doca: Ouviam-se bastante os gritos das mulheres que reuniram nas ruas à espera do fim, não mais aplaudido como no primeiro julgamento, Doca Street foi vaiado por todos que estavam a sua espera do lado de fora do Foro. Com faixas e cartazes, as representantes de grupos feministas exigiam a condenação de Doca. É importante destacar, também, que no júri havia apenas uma mulher entre os seis homens que estavam compondo o corpo de jurados de Cabo Frio. Doca Street, no dia, foi condenado a quinze anos de reclusão, tendo cinco votos contra dois, rejeitando a tese de legítima defesa de direito seu, sendo então o ato caracterizado como homicídio qualificado (Jornal O GLOBO, 06/11/1981, p. 8, grifo pessoal).

O professor Heleno Fragoso, advogado, em defesa de Ângela Diniz, foi assertivo em seu discurso. Sua fala anunciou que Doca matou uma mulher de forma covarde e que no

primeiro julgamento a plateia estava como segunda defesa de Doca, mas que, agora era necessário enxergar que Ângela não era a verdadeira criminosa, nunca foi. Alegou que a honra do homem não reside no sexo da mulher e afirmou “Quem ama não mata, diz um velho ditado. O amor exige compreensão. Justiça nesse processo significa a condenação de Doca Street” (Jornal O GLOBO, 06/11/1981, p. 8, grifo pessoal).

Após os julgamentos, juntamente com os movimentos feministas e os estudos sobre gênero em crescente no Brasil, a luta feminista contra Doca Street possibilitou novos olhares. Quantos aos relatos, o Jornal *O Globo* de 07 de Novembro de 1981, matutino, na página 8, questionava em sua manchete “O julgamento foi justo?”. Diferentemente dos comentários do primeiro julgamento, no segundo houve uma conscientização por parte das mulheres, em destaque: “Mais do que justo. Partindo do princípio de que todo mundo que mata tem que pagar por isso, nada mais correto do que Doca ser condenado.” (Depoimento de Leila Braga, professora e advogada, Jornal O GLOBO, 07/11/1981, p. 8). “Acho que foi uma ótima. E por uma série de razões. A partir do momento que ele cometeu um crime, tem que assumir as consequências. Nada justifica um crime. E o crime de Doca foi gerado por uma violência interior dele [...]” (Depoimento de Suzanne, engenheira civil, Jornal O GLOBO, 07/11/1981, p. 8).

A romantização do assassinato cometido por Doca Street devido a culpabilização das atitudes de Ângela antes da sua morte, carrega um sentido que é resultante de um contexto patriarcal e binário, sendo a masculinidade a força das relações sociais. Foi possível identificar também a luta das mulheres em favor dos direitos políticos, sociais e econômicos considerando o movimento feminista com a expansão nos espaços midiáticos, mudanças nas questões de gênero.

O caso de Ângela está atrelado ao que é posto como aceitável sobre uma masculinidade branca, heterossexual e construída continuamente, levando as pessoas a acreditarem em atitudes de comportamentos violentos agidos por pessoas “normais”. Um caso, dentre milhares, tornou modelo para a sociedade a qual enfatizou uma normalização que produziu e, ainda produz controle e efeito de alienação quase que imperceptível, mas poderosa. O que aconteceu no caso de Ângela Diniz foi um olhar da sociedade repleto de estereótipos e costumes que teve um impacto questionável no sistema judicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível quanto à força da intervenção política, midiática e social foi forte sobre os corpos femininos da época, mas que, com o tempo houve estratégias, tentativas para romper com “indevidos” posicionamentos que defendiam atos tradicionais. É nessa relação que é notória a importância em pensar o corpo, de maneira pluralizada, sendo impossível a realização de uma única história sobre o corpo feminino, uma única significação corporal.

Com isso, é possível concluir que toda movimentação expressa uma necessidade de desconstrução sobre os olhares existentes nas questões de gênero atentando para a contemporaneidade e as relações sociais entre o binário homem e mulher. Com isso há uma crise na consolidação de políticas públicas, ações afirmativas que garantem o direito das mulheres.

REFERÊNCIAS

ACERVO O GLOBO. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: Janeiro de 2022.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, K. G. “Em legítima defesa da honra”: a luta contra a naturalização da violência contra as mulheres. **Epígrafe**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 50-77, 2021.

ZIMMERMANN, T. R. Imprensa, movimento de mulheres, feminismo e violência de gênero no oeste do Paraná nas décadas de 1970 e 1980. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 162-177, 2009.